



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

A DISLEXIA: DESAFIOS E INTERVENÇÕES NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA¹

DYSLEXIA: CHALLENGES AND INTERVENTIONS IN LEARNING READING AND WRITING

Kethleen Dantas de Arruda²

Rita de Fátima da Silva³

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os tipos de dislexia, explorando na literatura os métodos de ensino adequados para crianças com este transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica. A justificativa para sua elaboração se fundamenta na necessidade de ampliar os conhecimentos inerentes ao campo de atuação e os métodos de trabalho com relação aos distúrbios e dificuldades de aprendizagem, os quais intervêm e favorecem a saúde escolar, contribuindo para uma sociedade de aprendizes bem-sucedidos, pois a leitura e escrita são instrumentos básicos para o ingresso e participação na sociedade letrada. A referida pesquisa busca aprofundar conhecimentos para identificar os tipos de dislexia e aprimorar, por meio de análise teórica, as intervenções assertivas no campo educacional e familiar a fim de proporcionar melhor qualidade de vida para crianças com dislexia. Metodologicamente utiliza-se referências bibliográficas através de sites, artigos, teses e dissertações que abordam o assunto. Como conclusão, reforça a importância da articulação da escola e da família no respeito às diferenças, tanto na diversidade cultural, linguagem da criança dislexa.

Palavras-chave: Dislexia. Desafios Educacionais. Intervenção precoce.

ABSTRACT

This research aims to analyze the types of dyslexia, exploring in the literature suitable teaching

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título em Especialização em Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural, realizado sob orientação da professora Dr^a Rita de Fátima da Silva Rosas de Castro. E-mail: rita.fatima@ufms.br

² Discente do Curso de Especialização em Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural, kethleen.arruda@ufms.br.

³ Professora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- Campus de Aquidauana. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Acessibilidade-GEPA e do Laboratório de Ações Docentes Inclusivas-LABAC



methods for children with this specific learning disorder of neurobiological origin. The justification for its elaboration is based on the need to expand the knowledge inherent to the field of activity and work methods in relation to learning disorders and difficulties, which intervene and favor school health, contributing to a society of successful learners, as reading and writing are basic instruments for entry and participation in literate society. This research seeks to deepen knowledge to identify the types of dyslexia and improve, through theoretical analysis, assertive interventions in the educational and family fields in order to provide a better quality of life for children with dyslexia. Methodologically, bibliographical references are used through websites, articles, theses and dissertations that address the subject. In conclusion, it reinforces the importance of articulation between school and family in respecting differences, both in cultural diversity and language of the dyslexic child.

Keywords: Dyslexia. Educational Challenges. Early intervention.

1 INTRODUÇÃO

É através da alfabetização que o indivíduo se torna um ser social, simbólico, global, um cidadão inserido na civilização moderna. Sendo assim, é necessário o docente refletir sobre o assunto em questão, a Dislexia, a fim de, conhecer e esclarecer as dúvidas referentes à Síndrome. Por isso abordaremos estudos buscando uma alternativa de facilitar a aprendizagem e a vida de crianças com dislexia.

A dislexia consiste no transtorno manifestado por uma dificuldade na aprendizagem da leitura e por problemas na escrita, independentemente da instrução convencional, inteligência adequada e oportunidade social (Rotta; Ohlweiler; Riesgo, 2006). Equivocadamente, a sociedade de um modo geral associa a dislexia à má alfabetização, desatenção, condição socioeconômica, desmotivação e ou baixa inteligência.

Em razão do pré-julgamento, a criança disléxica geralmente demonstra insegurança e baixa autoestima, sentindo-se culpada, triste e insatisfeita, recusando a realizar atividades com medo de que seus erros apareçam novamente ou de que sejam ridicularizadas. Isso cria um vínculo negativo com a aprendizagem, podendo apresentar atitude agressiva com colegas e professores ou simplesmente pensar “não sou capaz, não consigo, não sei fazer” mesmo antes de tentar realizar o proposto.

Por isso é necessário, o docente entender de fato o que é dislexia para não prejudicar ainda mais o desenvolvimento da criança. O termo foi usado primeiramente por médicos para descrever as dificuldades de leitura e ortografia de doentes que tinham sofrido certos tipos de danos cerebrais. Esses danos podem ter sido ocasionados por acidentes, durante ações de guerra, resultados de tumores, embolias, transtornos psiquiátricos, drogas ou efeito de envelhecimento.

Fundado nestas premissas, este trabalho tem como objetivo geral de analisar os tipos de dislexia, explorando na literatura os métodos de ensino e aprendizagem adequados para crianças



com este tipo de Transtorno Específico de Aprendizagem. O objetivo específico visa investigar na literatura as consequências da dislexia na vida escolar e na sociedade; identificar as possibilidades de uma intervenção precoce; discorrer sobre os melhores métodos que possibilitam a aprendizagem efetiva para o disléxico.

O problema de pesquisa tenciona responder à seguinte indagação: Quais os desafios apontados na literatura atual para favorecer a aprendizagem da leitura e escrita do aluno com dislexia?

A justificativa para sua elaboração se fundamenta na necessidade de ampliar os conhecimentos inerentes ao campo de atuação e os métodos de trabalho com relação aos distúrbios e dificuldades de aprendizagem, os quais intervêm e favorecem a saúde escolar, contribuindo para uma sociedade de aprendizes bem-sucedidos, pois a leitura e escrita são instrumentos básicos para o ingresso e participação na sociedade letrada.

Este Trabalho de Conclusão de Curso é uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, em que se debruça na análise dos impasses e desafios encontrados na literatura para o processo de ensino aprendizagem com enfoque na dislexia, sendo realizada coleta de artigos científicos no Google Scholar, publicados entre 2003 à 2022. O texto está organizado em quatro partes: Introdução, Metodologia, Revisão teórica e Considerações finais.

OBJETIVO GERAL

Analisar os tipos de dislexia, explorar na literatura os métodos de ensino adequados para crianças com este tipo de transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar teses e dissertações desenvolvidas no campo das práticas educacionais em alfabetização, abordando a dislexia.
- Elencar as bases teóricas utilizadas (NAS TESES E DISSERTAÇÕES) para análise das práticas educacionais em alfabetização, abordando a dislexia
- Identificar os resultados obtidos pelas pesquisas no estudo das práticas educacionais em alfabetização da dislexia.
- Refletir sobre os resultados obtidos pelas pesquisas no estudo das práticas educacionais em alfabetização da dislexia.
- Elaborar um quadro teórico reflexivo com os resultados obtidos pelas pesquisas no estudo das práticas educacionais em alfabetização da dislexia.



2. METODOLOGIA

Foi realizado um estudo bibliográfico com base em autores que entendem e falam a respeito da Dislexia. A pesquisa é qualitativa na medida em que, por meio da leitura e análise buscou-se aprimorar o conhecimento sobre o tema dislexia a fim de, responder o objetivo geral desta pesquisa a esta condição frente à aprendizagem que é entender teoricamente as consequências da dislexia na vida escolar e na sociedade; identificar as possibilidades de uma intervenção precoce; discorrer sobre os melhores métodos que possibilitam a aprendizagem efetiva para o disléxico.

Para realizar a pesquisa foi definida pesquisa no Google Scholar, Portal da Capes, Scielo com as palavras-chave; “dislexia na vida escolar” e “intervenção precoce na dislexia” de 2003 a 2022 no Brasil. Em um primeiro momento de busca, chegou-se a um resultado de 13.200 resultados artigos para a primeira palavra-chave e no segundo momento 2.430 resultados.

Para selecionar os textos foram lidos os títulos, resumos e palavras-chave. De um universo de 80 resultados, extraiu-se 5 (cinco) que versavam a respeito de categorias com o tema geral de pesquisa “a dislexia e os desafios na aprendizagem da leitura e escrita”.

Ressalta-se que a intenção deste trabalho foi fazer um estudo buscando uma alternativa de facilitar a aprendizagem e a vida de crianças com dislexia.

A pesquisa foi realizada no período de maio de 2024 até novembro de 2024. Foram utilizados estudos e teorias que apontam sobre os distúrbios de aprendizagem, e o diagnóstico psicopedagógico e conhecer a relação docente sobre as estratégias de intervenção da dislexia em sala de aula.

Portanto, é esperado que este estudo seja de grande utilidade e inspiração a quem precise lidar com a realidade de um distúrbio e que as informações nele contidas possam desmistificar conceitos, incitar novas atitudes e fazer saber que, por mais difícil que possa parecer, uma vida saudável e normal é totalmente possível a todos os que são diagnosticados como de algum distúrbio de aprendizagem.

Dessa forma, elaborei um quadro com os seis textos selecionados para apontar o núcleo da pesquisa, cujo objetivo é indicar as metodologias para melhorar o processo de aprendizagem dos estudantes com dislexia, organizado pelos autores, objetivos e resultados:



Quadro 1 – Artigos selecionados para análise da pesquisa.

Autores	Objetivos	Resultados
ANDRADE (2014)	Verificar a eficácia de um programa baseado no modelo de RTI - Resposta à intervenção para escolares com dificuldade de leitura e escrita.	Os resultados revelaram diferenças estatisticamente significantes na maioria dos pares de variáveis das tarefas analisadas, o que evidencia o ensino de leitura por meio de instruções específicas e vinculadas ao entendimento do princípio alfabético, os escolares com dificuldades em leitura e escrita precisam conhecer o mecanismo do sistema do português, considerando tarefas de identificação letradas à compreensão de texto.
CARRILO (2012)	Entender a Dislexia é uma base teórica para uma prática eficiente.	Defende que diante desse cenário, a informação não parece ter chegado a muitas autoridades educacionais e é necessário que chegue até elas, através das demandas das escolas e também através das associações de pais de disléxicos que estão cada vez mais informados e com mais força para exigir que as necessidades específicas os apoios educacionais de seus filhos sejam atendidos.
BARBOSA (2015)	Verificar o perfil de linguagem e de habilidades cognitivas de crianças com dislexia, contribuindo para o diagnóstico desse quadro em leitores de uma ortografia regular, como o português brasileiro.	O perfil de alteração de habilidades fonológicas foi a principal dificuldade encontrada nas crianças com dislexia neste estudo, sendo esse resultado compatível com investigações realizadas em outras línguas. Isso sugere que, independentemente da regularidade da língua, a avaliação das habilidades fonológicas é fundamental para o diagnóstico da dislexia.
FONSECA (2009)	Apresentar uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura.	O autor sugere, com base no modelo de Luria, que a avaliação dinâmica do potencial de aprendizagem da criança seja equacionada a partir do perfil de áreas fortes e fracas revelado nas três unidades funcionais indicadas, perfil esse que deve ser tomado em linha de conta, para posteriormente desenvolver estratégias de intervenção psicopedagógicas individualizadas para cada caso.
MOURA (2013)	Levantar a questão de como o orientador pedagógico pode intervir junto ao professor para ajudar na construção do conhecimento do aluno disléxico e no processo de aprendizagem.	O orientador pedagógico pode estar ajudando o professor a elaborar avaliações que favoreçam o entendimento e o desenvolvimento dele. É necessário olhar o educado como um sujeito capaz de aprender, entendendo o processo da construção de seu conhecimento, respeitando e valorizando cada conhecimento adquirido, vivenciado.

Fonte: Kethleen Dantas de Arruda (2021).

3. AS CONSEQUÊNCIAS DA DISLEXIA NA VIDA ESCOLAR E NA SOCIEDADE

Neste primeiro momento, serão analisados conceitos inerentes à dislexia, e suas consequências na vida escolar, bem como na sociedade. É imperioso destacar que a dislexia não é uma enfermidade e nem uma deficiência, é um termo que se utiliza para descobrir sintomas de dano do cérebro, isto é, faz referência às dificuldades que algumas crianças têm de aprender a escrever,



ler e compreender ou interpretar textos. Cada vez mais especialistas distinguem não só simplesmente entre graus de dificuldades de leitura, ortografia ou escrita, também entre tipos de dislexia, dessa forma é importante analisar o que a literatura observa sobre isso.

Uma criança disléxica geralmente possui inteligência normal ou até da média da maioria das pessoas. A dificuldade está em não conseguir identificar os símbolos gráficos (letras e/ou números). Alguns estudos apontam que a dislexia é hereditária em alguns alunos que apresentam essa característica e na maioria das vezes pelo menos uma pessoa da família apresenta dificuldade na leitura e escrita (Moura, 2013).

A dislexia é classificada como adquirida e de desenvolvimento, a primeira é aquela que, como o próprio nome diz, é adquirida devido a algum dano nas áreas envolvidas no processamento da leitura, por outro lado, a dislexia de desenvolvimento é aquela de origem neurobiológica, isto é, uma deficiência hereditária com alterações genéticas (Ribeiro, 2015).

Dessa forma, a dislexia do desenvolvimento apresenta uma disfunção do sistema nervoso central sendo mais prevalente em crianças. Muitos cientistas suspeitam que sua estrutura diferenciada ocorra antes mesmo do nascimento, os cérebros disléxicos estão em desvantagens no meio social, pois suas dificuldades na aprendizagem da linguagem acarretam problemas na leitura na soletração, na linguagem expressiva, receptiva, corporal e social (Moura, 2013).

O sucesso na reeducação de um disléxico está baseado numa terapia multissensorial (aprender pelo uso de todos os sentidos), combinando sempre a visão, a audição e o tato para ajudá-lo a ler e a soletrar corretamente as palavras. O disléxico precisa olhar atentamente, ouvir atentamente, atentar aos movimentos da mão quando escreve e prestar atenção aos movimentos da boca quando fala. Assim sendo, a criança disléxica associará a forma escrita de uma letra tanto com seu som como com os movimentos da mão para escrevê-la (Moura, 2013).

Uma das questões que deve ficar claro é que nenhuma pessoa com dislexia é igual a outra, ou seja, não apresenta os mesmos sintomas e, portanto, não sofre intervenção da mesma forma, pois a dislexia se manifesta de formas diferentes em cada pessoa. Também difere na presença dessa dificuldade, enquanto em algumas crianças torna-se mais perceptível em outras, se manifesta posteriormente (Muszkat; Rizzutti, 2012).

Descobertas baseadas em uma análise patológica do cérebro em 10 sujeitos disléxicos indicam que existem, em cérebros disléxicos, malformações corticais e subcorticais que têm suas origens durante o meio da gravidez, o período ativo de migração celular para o córtex telencefálico. Assim, a dislexia tem origem na formação do nosso cérebro (Muszkat; Rizzutti, 2012).

Além de sua origem neurobiológica, está comprovado que pode ser hereditário, pois a probabilidade de possuí-lo aumenta se houver um histórico de parentes que sofreram ou sofrem com



isso. Para Tamayo (2017) entre as causas investigadas estão “estudos biológicos (analisando déficits cerebrais no nível de estrutura e funcionamento e o componente hereditário do déficit), estudos cognitivos e comportamentais”.

Por sua vez, Carrillo (2012) menciona que a criança pode ser diagnosticada “em um nível biológico, identificando a área de sua função cerebral que está afetada; no nível cognitivo, identificando seu déficit fonológico; e no nível comportamental, identificando falhas na leitura”, observando seus fundamentos neurobiológicos e hereditários; sua dificuldade em identificar adequadamente o som das letras na hora da decodificação e suas ações que poderiam ser uma forma mais clara de perceber essa dificuldade.

Para entendermos melhor como funciona a questão da identificação, a autora Fabiane Puntel Basso em seu artigo “Consciência fonológica: relações entre oralidade e escrita” explora as relações entre oralidade e escrita nesse contexto, discute como a consciência dos sons da fala (fonemas) influencia a capacidade das crianças de reconhecer e manipular esses sons ao ler e escrever, analisa também o papel da oralidade como base para a construção do conhecimento escrito, destacando que uma boa formação oral é crucial para o sucesso na alfabetização. Assim, a relação entre a oralidade e a escrita é dinâmica e interdependente, sendo essencial para o desenvolvimento das competências linguísticas.

Em relação ao nível biológico, é interessante notar as diferenças na morfologia de um cérebro disléxico, algumas diferenças são: falta de simetria nos hemisférios cerebrais, maior tamanho da massa da substância branca no cérebro, corpo caloso⁴, o plano temporal⁵ é maior no hemisfério esquerdo e há simetria no córtex parietal inferior (Ruiz, 2008).

O déficit fonológico pode ser compreendido graças à analogia feita por Carrillo (2012) entre a leitura realizada por uma criança disléxica e a música com uma pessoa com pouco conhecimento musical, ele cita o seguinte:

Na discriminação de duas notas musicais como “Re” e “Mi”; embora possamos perceber que as duas notas são diferentes, podemos ter dúvidas sobre a identidade de cada uma delas ao ouvi-las isoladamente. Provavelmente, se não tivermos conhecimento musical suficiente, iremos escolher aleatoriamente entre as duas opções, como alguns disléxicos fazem antes dos fonemas / b / e / p /”. (carrillo, 2012, p. 190)

O nível comportamental é detectado quando se percebe um esforço excessivo e confusão no

⁴ O corpo caloso é uma estrutura do cérebro de mamíferos localizada na fissura longitudinal que conecta os hemisférios cerebrais direito e esquerdo.

⁵ O plano temporal é a área cortical logo posterior ao córtex auditivo dentro da fissura silviana.



aluno no momento de querer utilizar suas habilidades de leitura, nesse sentido, a rotulagem deve ser evitada e não confundida como preguiçosa, desinteressada ou com problemas de aprendizagem.

É importante reconhecer também, como já mencionado anteriormente, que nem todas as crianças disléxicas apresentam os mesmos sintomas, pois cada uma é exposta a um contexto social, escolar e familiar diferente. O grau de dificuldade que uma criança com dislexia tem para ler, soletrar e falar varia em cada disciplina, devido a dois componentes fundamentais: suas características pessoais e o tipo de ensino que recebe, também observando a importância de usar os métodos mais eficazes para que todos os alunos desenvolvam seu potencial (Muszkat; Rizzutti, 2012).

Dada a importância que se dá ao aprender a ler e a escrever, é necessário dar conta de algumas consequências que acarreta quando a aprendizagem não se desenvolve da maneira desejada, isto é, que as pessoas com essa síndrome estão sujeitas ao ridículo, à rotulagem e aos maus-tratos, o que pode prejudicar sua autoestima.

O aluno com dislexia, dada a incapacidade de realizar as tarefas da mesma forma que seus colegas, constrói uma imagem irreal sobre sua condição. Muszkat e Rizzutti, (2012, s/p) menciona alguns traços socio emocionais que estão associados à dislexia, como “sentimento de culpa, depressão, frustração diante das esperanças e aspirações, falta de motivação escolar, desesperança ou perplexidade pela incapacidade de conquista de seus companheiros de escola.

A dislexia afeta o sucesso escolar do aluno, podendo inclusive ocasionar o abandono escolar, fator de fracasso escolar no sistema educacional, uma das condições desse fracasso é a pouca compreensão que se tem desse problema e não ser capaz de fornecer o suporte relevante.

Outra complicação que uma criança com dislexia apresenta é apontada por Carrillo (2012) quando menciona que:

Enquanto um leitor normal vai simplesmente melhorar sua leitura lendo e seu caminho ortográfico é continuamente e sem esforço enriquecido, no disléxico as dificuldades de leitura, derivadas de seus problemas no trajeto fonológico, levam-no a ler muito pouco e mal. Sem possibilidades de enriquecimento de seu léxico ortográfico (Carrillo, 2012, p. 194)

Isso porque crianças com dislexia usam mais recursos para decifrar o código linguístico, sem prestar tanta atenção ao que o texto quer entender, ao contrário, um leitor normalmente usa seus recursos para entender a ideia do texto desde que o decodificou. Tornou-se um mecanismo automatizado.

Sabe-se também que crianças com dislexia, além de apresentarem dificuldade na leitura de palavras irregulares, também a apresentam nos processos fonológicos, auditivos e visuais, que contribuem para o processo de leitura (Galaburda, 2003).



4. POSSIBILIDADES DE UMA INTERVENÇÃO PRECOCE

A importância da linguagem para o ser humano é indiscutível, pois, são seres sociais e sua capacidade para se expressar é essencial para o próprio desenvolvimento, e no desenvolvimento das relações com os outros (Andrade et al, 2014).

A linguagem seria a faculdade do ser humano de se expressar e se comunicar com os outros por meio de sons articulados ou outros sistemas de signos. Neste capítulo será observado o Modelo de Resposta à Intervenção (RTI) como a melhor opção para resolver esse problema, porque desenvolve uma proposta de aprendizagem compatível às dificuldades de leitura específicas na dislexia. Portanto, destaca-se o valor de uma intervenção precoce relacionada a uma maior probabilidade de melhora após receber uma intervenção adequada (Andrade et al, 2014).

O aspecto relevante da linguagem é a leitura, pois, a capacidade de ler não é importante apenas para decodificar as informações que são transmitidas, mas também é essencial na formação e desenvolvimento das pessoas; uma vez que cria a prática de concentração, análise, reflexão, esforço, etc. (Abreu; et al, 2014).

A importância de atender os alunos que apresentam dificuldades nesta área é de garantir um ótimo desenvolvimento dos mesmos. Para garantir a melhoria do desempenho dos alunos que correm o risco de apresentar dificuldades específicas de aprendizagem, está comprovado que o fator determinante é a sua intervenção precoce (Abreu et al, 2014).

Um dos pilares da intervenção no processo de aprendizagem do aluno com dislexia é a Resposta à Intervenção em alunos (RTI). Para fazer isso, é necessário realizar avaliações universais com todos os alunos em uma idade precoce (Andrade et al, 2014).

Este modo de rastreio intervém nos problemas de desempenho dos alunos em situação de risco e intervém para servir de suporte e promover a melhoria do seu desempenho escolar. A intervenção precoce de dificuldades de aprendizagem se correlaciona significativamente com um melhor prognóstico de desempenho. Esse melhor prognóstico é baseado na aplicação precoce de uma intervenção específica e padronizada. Portanto, a intervenção precoce é crítica para uma instrução bem-sucedida (Andrade et al, 2014).

A intervenção precoce na dislexia é essencial, porque permite desenvolver habilidades de leitura por meio da prática e da instrução adequada desde a infância no desenvolvimento dos alunos (Barbosa et al, 2015).

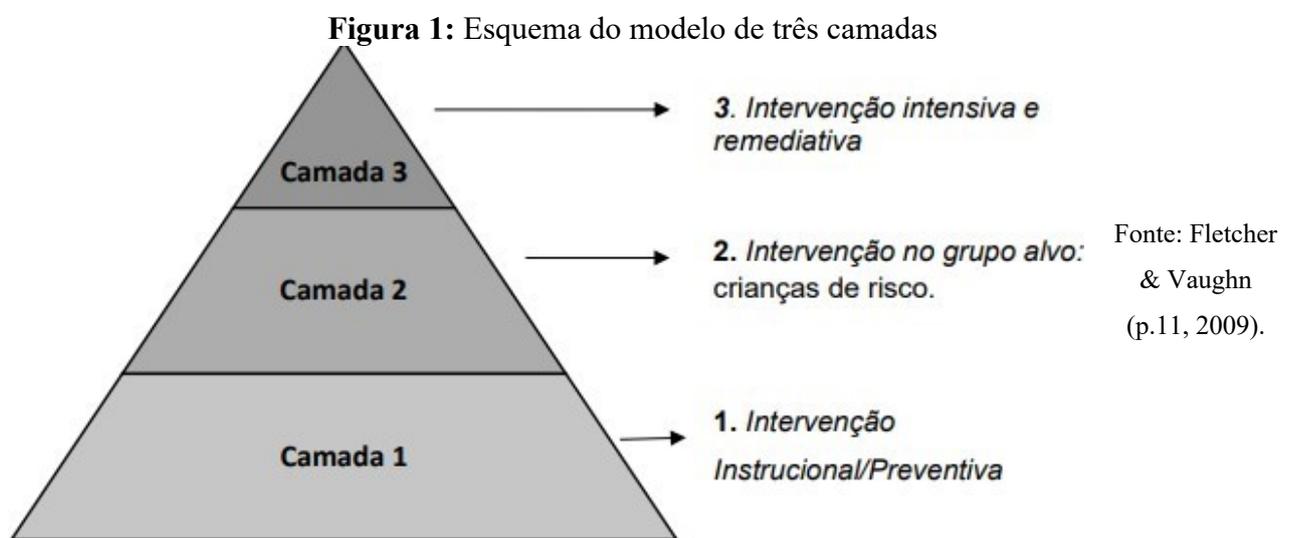
Se observa que a melhora na leitura não é produzida pelo amadurecimento do indivíduo, mas pela experiência adequada, ou seja, destaca-se a importância do desenvolvimento da correta instrução e prática dessas habilidades. Dessa maneira, nasce a importância de realizar essas intervenções nos



alunos desde a mais tenra idade (6 anos), visto que é nestas idades que é mais fácil criar conexões entre os sistemas funcionais do cérebro para a linguagem oral e escrita (Barbosa et al, 2015).

Também é necessária a estimulação pré-leitura adequada para a capacidade cognitiva de crianças menores de cinco anos, por considerar que isso poderia facilitar o processo posterior de leitura.

Para análise do método do (RTI) nos seus três níveis utilizo a literatura da obra de Fletcher e Vaughn (2009) (figura 1). Inicialmente, o Nível 1 envolve toda a turma, ou seja, todos os alunos da sala de aula de educação geral estão no Nível 1. Os professores usam métodos que se mostraram eficazes, como a fonética. Com o RTI deve haver pesquisa para apoiar o método de ensino.



Os alunos neste nível podem trabalhar em pequenos grupos. Os professores se esforçam para fornecer às crianças uma instrução que corresponda às suas habilidades e à maneira como elas aprendem melhor. No entanto, nem sempre há tempo para dar atenção individual às crianças (Fletcher, Vaughn, 2009).

A escola monitora o progresso das crianças por meio de deveres de casa, testes e outras ferramentas de medição que permitem que elas vejam como as crianças estão se saindo. Se uma criança está com dificuldades, ela pode ir para o nível 2. No Nível 2 ocorre intervenções no grupo-alvo (Fletcher, Vaughn, 2009).

As crianças que não estão progredindo até o Nível 1 receberão ajuda do Nível 2. Geralmente, isso significa aulas em pequenos grupos duas a três vezes por semana, usando métodos comprovadamente eficazes. Também pode significar ensino especial. Os educadores chamam isso de " intervenções " (Fletcher, Vaughn, 2009).



É importante saber que as crianças que estão no nível 2 continuam a participar das aulas regulares com o resto da turma: continuam a receber apoio do nível 1. A cada duas ou três semanas, os professores examinam as habilidades dos alunos para determinar se eles fizeram progresso. Se tudo correr bem, os alunos podem regressar ao nível 1. Do contrário, a escola pode manter a criança no nível 2 ou movê-la para o nível 3 (Fletcher, Vaughn, 2009).

No Nível 3 ocorrem intervenções intensivas. Quando as crianças estão lutando e o suporte de nível 1 e 2 não parece estar ajudando, elas passam para o nível 3. Este é o nível mais intenso de RTI (Fletcher, Vaughn, 2009).

O nível 3 pode significar trabalho em pequenos grupos ou aulas individuais. A maioria das crianças que recebem esse apoio continua a passar grande parte do dia na sala de aula do ensino geral. No entanto, muitas horas do dia podem ser passadas em uma sala de recursos (Fletcher, Vaughn, 2009).

Como as crianças do Nível 3 são os alunos com maior risco de ficar atrasados academicamente, as escolas as monitoram de perto. Os professores verificam constantemente seu progresso, para que os alunos melhorem o suficiente para abandonar o nível 3. Para conseguir educação especial a criança precisa ser avaliada, o que pode levar tempo. Para obter RTI, a criança só precisa correr o risco de ficar para trás (Fletcher, Vaughn, 2009).

Em exemplo, segundo o estudo realizado por Romero, Castaño e Córdoba (2016) com 43 alunos que apresentavam sinais de risco de apresentar dislexia. Demonstrou que, ao dividir esses alunos em grupo controle e grupo experimental, os participantes do grupo que recebeu a intervenção melhoraram seu desempenho em termos de indicadores que predizem a presença de dislexia. Assim, confirma-se a importância de aplicar uma intervenção adequada aos alunos com dificuldades específicas.

O modelo RTI oferece a oportunidade de detectar precocemente diferentes dificuldades de aprendizagem, por isso é um modelo que leva a uma melhoria no desempenho e desenvolvimento do aluno; ao contrário do modelo tradicional que incentiva um maior fracasso escolar. E, portanto, é indicado que é o modelo mais recomendado.

5. ANÁLISE LITERÁRIA SOBRE A RELAÇÃO DOCENTE E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO DA DISLEXIA EM SALA DE AULA

Ao longo desses anos, diferentes exercícios e atividades têm sido utilizados para o tratamento da dislexia, adequados para cada criança, o tipo, a gravidade e as características da dislexia que cada uma apresenta. Estes exercícios visam identificar os problemas ou dificuldades específicas de uma disciplina e ajudar-nos-ão a traçar um perfil de desempenho do aluno para estabelecer ou atribuir



um programa de intervenção correto. São técnicas muito úteis além de desenvolvidas e servirão a curto prazo para corroborar ou descartar o diagnóstico (Silva; et al, 2011).

O mais adequado seria que aos quatro ou cinco anos a criança pudesse realizar atividades que a ajudassem no seu amadurecimento, dotando-a das aptidões necessárias para aprender a ler e escrever. Isso ajudaria a ser um meio de detecção em idades precoces (Montero-Pérez, 2013).

O papel do professor e dos pais será muito importante no tratamento da dislexia. Como já sabemos, a responsabilidade pelo ensino em nosso sistema educacional é dos professores, mas não funciona como um “passo de mágica”. No caso de crianças disléxicas em sala de aula, além da recaída para o professor, cabe também ao especialista do centro, que pode ser psicólogo, pedagogo, fonoaudiólogo ou professor especializado. Serão eles que iniciarão o tratamento para poder dar uma solução rápida ao problema (MUSZKAT, 2012).

Na obra “O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIAS” as autoras Rita de Fátima da Silva Rosas de Castro e Vera Lucia Gomes discutem os desafios enfrentados por esses alunos, como barreiras atitudinais e estruturais, e enfatizam a necessidade de práticas pedagógicas que respeitem a diversidade e promovam a equidade. Elas também ressaltam o papel fundamental da formação continuada dos educadores, que deve incluir estratégias inclusivas e adaptativas. Outro ponto central é a importância da construção de um currículo que considere as necessidades individuais dos alunos, bem como a colaboração entre família, escola e comunidade. As autoras propõem uma reflexão crítica sobre as políticas educacionais e a necessidade de um comprometimento real com a inclusão.

É importante considerar um núcleo comum e equilibrado de conhecimentos e de competências na elaboração de um currículo educacional. Todos os educandos devem ter oportunidades de prosperar e evoluir dentro do seu contexto social amplo, independentemente de suas origens ou características. Ao se considerar o currículo como agente propagador da inclusão, entende-se os livros didáticos como ferramentas de transmissão da cultura regional e das características culturais e morais de cada povo. As diferenças não são erros ou malefícios, são características individuais diversas que, abordadas devidamente pelos currículos educacionais, podem estimular o desenvolvimento de um pensamento que privilegie a equidade e a empatia, formando cidadãos com maiores habilidades éticas e contribuindo para construir uma sociedade melhor. (Castro; Gomes, 2022, p.73)

Na escola, deve-se procurar fazer com que o aluno se sinta acolhido, graças à ajuda que os professores lhe dão para superar suas dificuldades. Isso vai garantir que o aluno não tenha baixa autoestima e não tenha nenhum problema de interação com os colegas (Muszkat, 2012).

O professor terá que adequar o trabalho que envia, deixar que pergunte o que precisa, dar-lhe mais tempo para que o aluno se reorganize melhor e, o mais importante, deve avaliá-lo de acordo com suas condições. Para que tudo isto dê frutos, o próprio professor utilizará as estratégias que considerar necessárias, como a repetição das explicações dadas nas aulas, a ajuda na leitura e



compreensão de um texto e o entusiasmo e otimismo que deve transmitir a todo o momento (Herrero, 2013).

Os pais, por sua vez, deverão tentar transmitir apoio social e emocional ao filho. Eles também terão que saber como motivá-lo no dia a dia e explicar que ele também pode ter sucesso mesmo se precisar de mais tempo do que os outros para realizar tarefas diárias. A criança deve saber que seus pais estão com ela o tempo todo ajudando-a a superar seu problema todos os dias (MUSZKAT, 2012).

Existem vários tratamentos ou programas corretivos que existem atualmente, mais conhecidos como programas de intervenção, para a dislexia. Todos eles levam em consideração as capacidades adaptativas da primeira infância da criança e indicam que a intervenção deve ser realizada quando a criança começa a ler (Fonseca, 2009).

Na elaboração de programas de intervenção, é fundamental que os tutores e profissionais que auxiliam os alunos disléxicos tenham atitudes positivas e favoráveis para que se adaptem às suas necessidades. Da mesma forma, é fundamental também divulgar o problema para o restante dos colegas (Ramírez, 2011).

Devem ser os professores a explicar o motivo pelo qual um dos seus colegas têm a mesma tarefa, mas colocado de forma diferente e a sua avaliação não ser a mesma. Entretanto, devem fazê-lo para que vejam que seu colega precisa de auxílio em uma tarefa como a alfabetização, já que tende a confundir a ordem das palavras ou a pronunciá-las de forma não convencional.

O docente deve focar em todos os momentos a metodologia didática imposta àquele aluno, levando em consideração suas habilidades. Também será responsável por ajudar o aluno a desenvolver as estratégias ideais para atingir os objetivos que lhe são impostos de outras formas mais simples (Muszkat, 2012).

Existem também orientações que visam direcionar o professor no cotidiano do aluno disléxico, favorecendo-o e evitando consequências negativas que desencadeiam outros tipos de complexidades nos mesmos. Uma vez que as estratégias adequadas sejam estabelecidas graças às suas orientações correspondentes, é importante que o professor deixe um registro escrito de todas as intervenções, pois isso facilitará a tarefa para os professores que terão aquele aluno ou alunos nas demais etapas escolares (Muszkat, 2012).

A função da escola presente é percebida socialmente para promover conhecimentos, algumas ainda usam métodos de ensino e aprendizagem tradicionalistas favorecendo assim, a segregação e exclusão de alunos com quaisquer tipos de dificuldades no aprendizado. Dentro desta escola existe uma estrutura organizacional e como tal há uma série de funções que deve estar presente para que haja um equilíbrio entre o ensino, o educando, a instituição escolar e a sociedade (Topczewski,



2010).

Todas estas funções devem ter posições similares para que se possa atender e atingir os objetivos de qualquer escola e que garanta uma aprendizagem significativa de conhecimentos, preparando seus alunos para o meio social de que fazem parte num sentido amplo de cooperação e modificação mútuas para o desenvolvimento (Muszkat, 2012).

Nesse sentido, uma revisão criteriosa no ponto de vista epistemológico e metodológico da atuação dos professores nas escolas pode ser iniciada, possibilitando a inclusão de propostas que atendam às dificuldades de aprendizagem, especialmente dos distúrbios com diagnóstico, como é o caso da Dislexia. No entanto, cabe aos educadores, como mediadores do conhecimento, compreender a Dislexia e a partir disso, desenvolver meios para um melhor aproveitamento escolar (Muszkat, 2012).

Começando por observar os prévios conhecimentos que o aluno traz consigo, isto é, trabalhar em cima do que o aluno já sabe, identificando as principais dificuldades e pensar sobre novas estratégias de ensino, no qual auxiliará no processo de novas construções de aprendizagens, favorecendo e valorizando o aluno como indivíduo de direito. Além disso é importante ressaltar que as dificuldades, são desafios a serem solucionadas, por isso o docente capacitado nessa área principalmente, busca alternativas de facilitar a aprendizagem e a vida de crianças com dislexia (Muszkat, 2012).

Assim, observa-se que, após ser diagnosticado, o professor deve usar diferentes estratégias, desde mudar o método de ensino ou adaptá-lo para uma melhoria da aprendizagem do aluno com dislexia. O aluno não necessita se adaptar a apreensão do conhecimento, mas sim o sistema escolar necessita se moldar ao problema buscando junto aos pais diferentes meios para que se concretize o processo de ensino aprendizagem. A compreensão e a parceria são imprescindíveis para garantir o futuro dessas crianças.

Entretanto, Sonia Lopes Victor faz uma avaliação da aprendizagem na educação especial na educação infantil abordando estratégias e práticas que garantem uma inclusão efetiva das crianças com necessidades especiais. A autora discute a importância de uma avaliação que vá além das métricas tradicionais, propondo uma abordagem mais holística e contextualizada. Ela defende que a avaliação deve considerar o desenvolvimento integral da criança, levando em conta suas habilidades, interesses e desafios individuais. Victor enfatiza a necessidade de envolvimento da família e da equipe pedagógica na construção de um processo avaliativo que respeite a diversidade. Além disso, a autora sugere o uso de instrumentos diversificados, como observações, portfólios e relatos de experiências, para captar a evolução das crianças de maneira mais abrangente.

Por fim, após verificar suas potencialidades, deve-se proporcionar recursos que o inclua e



que chame atenção, mantendo sua concentração, trabalhando percepções, no qual ajudam a desenvolver diversas habilidades. Por isso é importante destacar que, não há nenhum método mágico e sim formas de conduzir a prática docente de modo que, favoreça oportunidades de novas aprendizagens, levando em consideração a interação, a responsabilidade e comprometimento com o seu trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se observou ao longo deste estudo, a dislexia é um transtorno que afeta a aprendizagem do letramento e nas etapas subsequentes acerca dos conhecimentos, nos processos cognitivos em que a alfabetização está presente. Memória de curto prazo e lateralidade também são frequentemente afetadas.

Especificamente, analisar os tipos de dislexia, explorando na literatura os métodos de ensino e aprendizagem adequados para crianças com este tipo de Transtorno Específico de Aprendizagem. Como se sabe, ainda não há um trabalho generalizado para se chegar a essa detecção precoce, tendo em vista que, cada dislexia tem graus diferentes, o que implica não ser possível iniciar um tratamento que neutralize as dificuldades da criança disléxica desde o início.

A dislexia não deve ser relacionada ou tratada como uma doença, nem uma deficiência, pois é a forma que o cérebro é estruturado de maneira distintas de outras pessoas sem dislexia, assim, os canais de acesso à informação dos dados no cérebro estão prejudicados com relação ao modo de como acessar a informação e como obter ou compartilhar a informação que possui. Isso se manifestará em complexidades e/ou dificuldades de aprendizagem.

Ao longo do estudo identificou-se que a detecção precoce é essencial, assim, a intervenção do professor é fundamental, este deve conhecer a dislexia e como proceder em sala de aula para normalizá-la.

As equipes docentes e profissionais dos diferentes centros educacionais devem continuar imersas, atentos aos diferentes níveis de dislexia, pois, a falta de uma intervenção educacional facilitadora continuará sendo uma preocupação para quem sofre, dessa forma, nasce a necessidade de ajudar a superar os obstáculos que a criança pode ter no seu cotidiano.

Recomenda-se que a intervenção precoce seja realizada individualmente e não em grupo, pois se avaliarmos em grupo, os resultados obtidos não farão sentido para a uma detecção justa da dislexia. Para a realização desta tarefa é inevitável, isto é, fundamental que o docente tenha interesse, que seja qualificado e motivado para aplicar os protocolos de detecção precoce discutidos neste estudo.



7. REFERÊNCIAS

ABREU, N; et al. **Neuropsicologia da aprendizagem e memória.** In Fuentes D, Malloy-Diniz L, Camargo C, Cosenza R, e cols. Neuropsicologia: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2014. ISBN 9788582710562.

ANDRADE, O; et al. **Modelo de resposta à intervenção RTI.** Como identificar e intervir com crianças de risco para os transtornos de aprendizagem. São Jose dos Campos, São Paulo: Pulso Editorial, 2014.

BARBOSA T; et al. **Perfil de Linguagem e funções cognitivas em crianças com dislexia falantes do Português Brasileiro.** CODAS, 2015, pp. 65-74.

BASSO, Fabiane Puntel. **Consciência fonológica: relações entre oralidade e escrita.** CE/UFSM.

CARILLO, Marisol. Dyslexia: theoretical basis for an efficient practice. **Cienc. Psicol.,** Montevideo, v. 6, n. 2, p. 185-194, nov. 2012, pp. 185-194.

CASTRO, Rita de Fátima da Silva; GOMES, Vera Lucia. **O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA DAS POLÍTICAS AO ESPAÇO ESCOLAR.** Editora UFMS. 1ª edição. Campo Grande - MS, 2022.

Crítica Educativa (Sorocaba/SP), Vol.1, n.2, p. 161-171, Jul./dez. 2015.

FLETCHER J; VAUGHN S. (2009). **Response to Intervention:** Preventing and Remediating Academic Difficulties. Child development perspectives volume 3, number 1, pg 30–37.

FONSECA, V. Dislexia, cognição e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura. In: **Rev. da Associação Brasileira de Psicopedagogia,** São Paulo, n. 81, 2009, p.339-356, ISSN 0103-8486.

GALABURDA, A. Dislexia do desenvolvimento. **Journal of Neurology,** 2003, pp. 3-9.

HERRERO, J. **Unidade 5. Leitura e escrita:** Dos movimentos dos olhos à compreensão da linguagem. Material não publicado, 2013.

MUSZKAT, Mauro; RIZZUTTI, Sueli. **O professor e a dislexia.** São Paulo: Cortez, 2012. v. 8. 108p.

MONTERO-PÉREZ, A. **Uso de TICs para o tratamento da dislexia.** Projeto de Mestrado Final. Universidade Internacional de La Rioja, 2013. Disponível em: <http://reunir.unir.net/handle/123456789/1567>. Acesso em: 10 de nov. 2021.

MOURA, Suzana Paula Pedreira Tavares de. **A dislexia e os desafios pedagógicos.** Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2013.

RIBEIRO, M. A. de L. **Tipos de Dislexia.** Disponível em <<http://dislexia.com.sapo.pt/tipos.htm>>. Acesso em: 10 de nov. 2021.



ROMERO, A; CASTANO, C; CORDOBA, M. Eficácia do programa de intervenção precoce na redução dos sinais de alerta para dislexia. **Revista de educação inclusiva**, 2016, pp. 186-200.

SILVA, C.; et al. **Intervenção precoce em escolares de risco para a dislexia**. In: CAPELLINI, S. A.; SILVA, C. PINHEIRO, F. H. (Org). **Tópicos em transtornos de aprendizagem**. São José dos Campos; Pulso Editorial, 2011, p. 90-102.

SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a Dislexia**: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TAMAYO, S. **Dislexia e dificuldades para se alfabetizar**. Faculdade. *Journal of Curriculum and Teacher Training*, 2017, pp. 423-432.

TOPCZEWSKI; Abram. **Dislexia**: como lidar? São Paulo: All Print Editora, 2010.